

**Sol** – Este astro é de uma só vez Espírito e Matéria. (*Doutrina Secreta*, I, 521) e é um manancial perene de vida, que, como luz, dele emana sem cessar. Como “doador de vida” que é, conserva e sustenta a todas as criaturas (I, 313) e é o coração de todo o Sistema Solar (I, 590-591). É também fonte de calor e eletricidade. Porém o Sol que vemos, a estrela central de nosso sistema, é apenas um reflexo, sombra ou casca do verdadeiro Sol central espiritual (I, 700). Este reflexo, como coisa concreta exterior, é um *Kâma-rûpa*, pois todos os sóis formam o *Kâma-rûpa* do Kosmos. Para seu próprio sistema, o Sol é *Buddhi*, por ser o reflexo e o veículo do verdadeiro Sol, que é *Âtmâ*, invisível neste plano. Neste reflexo estão todas as forças Foháticas (eletricidade, etc.) (III, 562). Em todas as religiões populares exotéricas, o Sol tem um aspecto dual, que foi antropomorfizado pelos profanos; assim, o Sol era Osíris-*Tifon*, Ormuzd-*Ahrimân*, Bel Júpiter, e *Baal*, o luminoso doador de vida e de morte e assim, num mesmo pilar, monolito, pirâmide, torre ou templo, originalmente erigido para glorificar o primeiro princípio ou aspecto, com o passar do tempo, transforma-se em templo de um ídolo ou, o que ainda pior, em emblema fálico, em sua forma mais grosseira e brutal. O *Lingam* dos hindus tem seu significado espiritual e altamente filosófico, mas os missionários enxergam nele apenas um “emblema indecente” (III, 288). O Sol é emblema da divindade benfeitora, que dá a vida; é a manifestação exterior do sétimo Princípio de nosso sistema planetário. Jeová é o Sol e portanto é também o Cristo da Igreja romana (III, 323). Por mais que os cristãos qualifiquem de idolatria o culto do Sol, sua religião encontra-se inteiramente baseado no culto solar e lunar (I, 417). O jesuíta Cornélio de Lápide, em seu *Sermão sobre a Santa Virgem*, coloca na boca de São Bernardo as seguintes palavras, dirigidas à Virgem Maria: “O Sol-Cristo vive em ti e tu vives nele.” (I, 431) Ver Dupuis, *Origem de todos os cultos*, capítulos IX e XII. Em todo o Egito o Sol era o símbolo divino por excelência e sua luz era considerada como a manifestação visível e material de Deus. Osíris é chamado de Alma do Sol; a luz solar era, pois, o corpo, isto é, a manifestação sensível da Divindade. O Sol era personificado de maneira geral pelo deus Rá; o Sol nascente por Hórus, o Sol poente por Toum (ou Tum). Algumas divindades secundárias simbolizavam outros aspectos do astro. (Pierret, *Dict. d'Arch. Égypt.*). Ver *Sûrya*, *Sistema Solar*, *Solstícios*, *Páscoa* etc.

**Sol (Alq.)** – Entre os químicos, o Sol é o ouro comum. Os filósofos chamam de Sol o seu enxofre, seu ouro.

**Sol Espiritual** – O Sol oculto ou invisível, do qual o Sol visível de nosso Sistema Solar é apenas um reflexo ou sombra. Assim como este último dá luz e vida aos planetas que constituem tal sistema, o verdadeiro Sol invisível e espiritual dá vida aos reinos espiritual e psíquico de todo o Cosmos ou universo. (*Doutrina Secreta*, I, 521.) Este título foi aplicado ao *Paramâtman* (III, 510). Ver *Sol*, *Viril* etc.

**Soliman (Árab.)** – Nome que os muçulmanos dão a Salomão.

**Solsequium (Alq.)** – Enxofre dos filósofos.

**Solstícios** – O culto cristão – diz *E. Burnouf* – está distribuído segundo a marcha do Sol e da Lua. O nascimento de Cristo coincide com o solstício de inverno (no Hemisfério Norte); a Páscoa ocorre próxima do equinócio de primavera. No solstício de verão, celebra-se a festa do Precursor e são acesas as fogueiras chamadas de fogos de São João. As outras festas estão distribuídas metodicamente nas outras partes do ano, seguindo uma ordem comparável àquela das cerimônias védicas. É preciso observar – diz o mesmo autor – que o solstício de inverno ocorre quatro dias antes do Natal e o de verão se dá quatro dias antes da festa de São João. O dia da Páscoa é regulado pelo equinócio, uma vez que ocorre no domingo seguinte ao plenilúcio depois do equinócio de primavera. É, pois, provável que as festas do Natal e de São João sejam muito antigas, e coincidiram

primitivamente com os solstícios. Sendo de cinquenta segundos por ano a precessão dos equinócios, em 7 000 anos isso corresponde a aproximadamente quatro dias. Porém os quatro dias podem não ser completos. (*E. Burnouf, A Ciência das Religiões*, 3ª ed. francesa, p. 232.) Ver *Semana Santa*.

**Solução (Alq.)** – Desunião natural ou artificial dos corpos. A natural é de três tipos, segundo os três reinos da Natureza. A putrefação é a *solução* do reino animal; a fermentação, do reino vegetal e a liquefação aquela do reino mineral. A *solução* artificial é uma divisão das partes de um corpo, feita pela Arte, como as *soluções* dos metais pelas águas fortes, a calcinação pelo fogo elementar etc.

**Som** – A ciência esotérica ensina que cada som no mundo visível desperta seu som correspondente nos reinos invisíveis, impelindo à ação de uma ou outra força no lado oculto da Natureza. Além disso, a cada som corresponde uma cor e um número (uma potência espiritual psíquica ou física) e uma sensação do mesmo plano. Todos eles encontram eco em cada um dos elementos até aqui desenvolvidos e também no plano terrestre, nas Vidas que pululam na atmosfera terrestre, incitando-se desse modo à ação. Assim, uma oração, a não ser que seja pronunciada *mentalmente* e dirigida ao “Pai” de alguém, no silêncio e solidão de seu “retiro”, deve ter mais freqüentemente resultados desastrosos do que benéficos, a partir do momento em que se considera que as massas são completamente ignorantes dos poderosos efeitos que assim produzem. Para que produza bons efeitos, a oração deve ser pronunciada por “alguém que saiba o modo de se fazer ouvir em silêncio”, quando, deixando de ser uma oração, se converte em mandamento. Por que nos ensinam que Jesus proibia seus ouvintes de ir às sinagogas públicas? Devemos supor que seus discípulos vão a locais muito concorridos, igrejas, sessões espíritas etc., a menos que simpatizem com isso. (*Doutrina Secreta*, III, 451.) Na mesma obra citada (I, 606), lê-se o seguinte: Dizemos e sustentamos que o som é, entre outros, um poder oculto tremendo, uma força estupenda, cuja potencialidade mais insignificante, dirigida pelo conhecimento oculto, não poderia ser contraposta pela eletricidade engendrada por um milhão de Niágaras. Pode produzir um som de tal natureza que levantaria a pirâmide de Queops ou faria reviver um moribundo ou a um homem que fosse exalar o último suspiro, comunicando-lhe novo vigor e energia. Porque o som engendra ou, antes, atrai e reúne os elementos que produzem um *ozone*, cuja fabricação está acima do poder da química, porém está dentro dos limites da Alquimia. Pode até *ressuscitar* um homem ou um animal cujo “corpo vital” astral não tenha sido separado irreparavelmente do corpo físico, pela ruptura do cordão ódico ou magnético. Esta que escreve estas linhas foi salva três vezes da morte através deste poder. Por outro lado, o que é a força etérea descoberta por John Worrel Keely, da Filadélfia, e que é chamado motor Keely? O que é que atua como formidável gerador de força tremenda, desse poder capaz de arrastar uma máquina de 25 cavalos, e até de levá-la ao alto? Tudo isso foi realizado apenas fazendo-se passar por um diapasão um arco de violino, segundo foi provado inúmeras vezes. Os fenômenos apresentados pelo referido inventor durante estes últimos anos foram maravilhosos, quase milagrosos, no sentido do *sobre-humano*. (*Doutrina Secreta*, I, 606.)

**Soma (Sânc.)** – A Lua [*Chandra*] e também a bebida sagrada produzida com o sumo da planta de mesmo nome, usada nos templos para provocar êxtase. *Soma*, a Lua, é o símbolo da Sabedoria Secreta. Nos *Upanichads*, tal palavra é empregada para designar a matéria densa (com uma associação de umidade), capaz de produzir vida sob a ação do calor. [*Soma*, deus resultante da divinização do *soma*, o licor sagrado. (Bergua, *O Râmâyana*, 746, nota.)]

**Soma-bebida** – Preparada com uma rara planta montanhosa [*Asclepias acida* ou *Sarcostema viminalis*, segundo outros] pelos brahmanes Iniciados. Esta bebida sagrada da